



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)  
ISSN 2177-3688

**GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação**  
Comunicação Oral

**A PESQUISA ACADÊMICA DE RECEPÇÃO DE PÚBLICO EM  
MUSEUS NO BRASIL: ESTUDO PRELIMINAR<sup>1</sup>**

***ACADEMIC RESEARCH ON THE RECEPTION OF THE PUBLIC IN  
MUSEUMS IN BRAZIL: PRELIMINAR STUDY***

**Marilia Xavier Cury, USP**  
maxavier@usp.br

**Resumo:** A Pesquisa Acadêmica de Recepção de Público em Museus no Brasil reúne a produção referente a esse enfoque, para a construção do estado da “arte” desse recorte investigativo. Os fundamentos seguidos são: Quadro Referencial da Museologia, Estudo de Recepção, Avaliação em Museu, Comunicação Museológica e Público de Museu. A pesquisa partiu de levantamento anterior concluído em 2004. O levantamento realizado na 1ª fase do projeto de pesquisa (2012-2014) conseguiu dados anteriores a 2014, localizando pesquisas realizadas em contextos de pós-graduação e concursos para Livre docência. Então, atualizou o levantamento preliminar concluído em 2004 e acrescentou dados entre 2004 e 2014. Foram levantadas, por meio da internet e acompanhando as produções docentes, 44 pesquisas categorizadas por áreas: Antropologia, Arqueologia, Ciências da Informação, Ciências Sociais, Ciência da Comunicação, Educação, Memória Social, Museologia e Psicologia. As categorias informam a amplitude de como o tema pode e vem sendo tratado, mas revelam que a novidade do recorte é ainda pouco conhecido ou desconhecido por grupos de pesquisa e orientadores de pós-graduação. Apesar dessa constatação, podemos perceber que há um exercício metodológico em realização, fundamentalmente em construção pela museografia, em particular pela Avaliação em Museus como ramo da gestão museal. O levantamento não pretende ser conclusivo, mas aponta para pontos de aprofundamento, a saber: Estudo de Recepção como parte do objeto de estudo da Museologia (relação homem e realidade) e Avaliação de Museu como museografia (conjunto de técnicas de observação e descrição), Vertentes de pesquisa para a recepção, Concepções de público, Metodologias aplicadas em Estudos de Recepção, Terminologia adotada.

**Palavras-chave:** Pesquisa de recepção. Avaliação em museu. Público de museu. Comunicação museológica. Pesquisa em Museologia.

**Abstract:** The main purpose of Academic Research on the Reception of the Public in Museums in Brazil is to gather what has been produced under that approach and establish the state of the art in that field of investigation. The fundamentals of the research enterprise are the following: Museology

---

<sup>1</sup> O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

Framework, Reception Studies, Museum Evaluation, Museological Communication and Museum Public. The research was based on a previous survey completed in 2004. The survey carried out in the first phase of the research project (2012-2014) managed to obtain data prior to 2014, locating surveys conducted by graduate students and for full professor competitions. Therefore, it updated the preliminary survey completed in 2004 and added data between 2004 and 2014. 44 surveys were gathered by browsing the internet and tracking the work of professors. They were classified into the following areas: Anthropology, Archeology, Computer Sciences, Social Sciences, Communication Sciences, Education, Social Memory, Museology and Psychology. Those categories establish the extent to which the issue can be and has been addressed, but also show the novelty of this field of investigation, which is little known or unknown by research groups and graduate work supervisors. In spite of this finding, we can perceive that a methodology is being basically devised by museography, particularly by Museum Evaluation as a branch of museum management. The survey does not intend to be conclusive, but shows issues that can be probed further, namely: Reception Study as part of the study of Museology (relations between man and reality) and Museum Evaluation as museography (set of observation and description techniques), branches of reception research, conceptions of public, methodologies applied to Reception Studies, adopted terminology.

**Keywords:** Reception research. Museum evaluation. Public of museum. Museological communication. Museological research.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo apresentado resultou de reflexões sobre os dados coletados durante o desenvolvimento do projeto intitulado Pesquisa Acadêmica de Recepção de Público em Museus no Brasil<sup>2</sup>, com aporte preliminar reunido em 2004 e conjunto de dados coletados, para atualização e complementação, entre 2012 e 2014, formando a 1ª fase da investigação acadêmica que terá continuidade, buscando aprofundamentos. A pesquisa reúne a produção referente a esse enfoque, para construção do estado da “arte” desse recorte investigativo sob o olhar da Museologia.

A pesquisa circunscreve temas e recortes, tais como Recepção, Público de museu e a dimensão cultural do público dessa instituição, aproximando questões distintas: recepção em museu e comunicação museológica. Apresentamos os seguintes referenciais, como seguem.

### 1.1 QUADRO GERAL DA DISCIPLINA MUSEOLÓGICA<sup>3</sup>

Observemos o Quadro Geral da Disciplina Museologia no seu entendimento quanto à entrada ou participação do público, destacando a presença do público:

1– Museologia Geral

– Teoria museológica (fato museológico)

---

<sup>2</sup> Financiamento CNPq Produtividade em Pesquisa.

<sup>3</sup> No contexto do Comitê para a Museologia do Conselho Internacional de Museus (ICOFOM-ICOM), em 1980 e 1981 o debate sobre o Sistema da Museologia chegou a uma proposta tripartida – Museologia-Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada, que gerou o Quadro Geral da Disciplina Museológica. Com relação à proposta tripartite, ver MuWoP n. 1, 1980, páginas 11,12 e 13, as contribuições de Klauzewitz e Sofka; MuWoP n. 2, 1981, a contribuição de Geoffrey Lewis.

- História dos museus
- Administração museológica

## 2– Museologia Especial

- Tipologia: arte e ciência
- Realidade social na qual o museu está inserido

## 3– Museologia Aplicada – Museografia

- Formação de coleções (coleta e pesquisa)
- Documentação
- Conservação
- Comunicação museológica
- Gestão

No primeiro item (Museologia Geral), o público está presente na teoria museológica (estudo do fato museológico) e na história dos museus, neste último com participação transformada e crescente no decorrer do tempo, pois os entendimentos sobre público e participação do público no museu vem se alterando. No item dois (Museologia Especial), ao menos, o público está inserido na realidade social na qual o museu está inserido, embora encontremos poucos estudos sobre a realidade social dos museus. Na Museologia Aplicada (o terceiro ponto da estrutura tripartite), o público está presente na comunicação museológica. No entanto, há o público interno, os profissionais, este presente em toda ação aplicada, ou seja, a museografia. Então, fazemos a distinção entre público interno e externo, reservando um espaço particular ao público externo, visando com isso distinguir entre as participações dos profissionais de museus e do público visitante.

## 1.2 COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA E COMUNICAÇÃO EM MUSEUS<sup>4</sup>

Comunicação Museológica e Comunicação em Museus, dois termos, duas situações, embora estabeleçam relações dialógicas. Às vezes os profissionais de museus usam as duas denominações indistintamente, ignorando as diferenças e relações entre a Museologia e a Museografia, a disciplina científica e o lócus museu e sua forma de trabalho. Para a Museologia o termo Comunicação Museológica refere-se à produção de conhecimento teórico, considerando o objeto de estudo, o fato museológico, a relação entre o homem e a realidade. Para a museografia, o termo para a delimitação da práxis em museu é Comunicação Museal.

Usando como referência o Quadro Geral da Disciplina Museologia e os itens Museologia Geral e Museologia Aplicada (ou Museografia), podemos traçar um paralelo para

---

<sup>4</sup> Sobre Museologia e museografia, ver Cury (2009a).

maior diferenciação entre os dois termos. Então, Comunicação Museológica é uma subárea da Museologia, especificamente ramo da Teoria Museológica. Se a teoria museológica se ocupa do fato museológico, então podemos entender, também, o objeto de estudo da Museologia como um fenômeno comunicacional. De qualquer forma, a expologia – parte da disciplina que estuda a teoria da exposição (DESVALLÉES, 1998, p. 222) e a educação patrimonial (como campo amplo relativo à educação potencializada pelos processos patrimoniais) fazem parte da Comunicação Museológica. Por outro lado, a Comunicação Museal, a comunicação realizada pelo museu, faz parte da Museografia, assim como a expografia – que "visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição" (DESVALLÉES, 1998, p. 221) – e a educação em museus. As distinções nos importam, sobretudo, para entendermos as produções envolvidas: teórica, conceitual e metodológica, por um lado, e programática, procedimental e técnica, por outro.

A Comunicação Museológica nos aproxima da Ciência da Comunicação e dos avanços dessa área de conhecimento, da mesma forma que permite que a teoria das exposições, a expologia, e a educação patrimonial construam suas bases fundantes. Assim, cada vez mais rejeitamos concepções de comunicação trazidas para a museologia que se aproximam do ideário da transmissão de conhecimento com sentidos e significados fechados, interpretações centradas na emissão e idealização de um público.

Pegemos uma ideia simples, já incorporada pelos comunicólogos. Trata-se do vínculo indissociável entre condições de produção, veiculação e recepção. O que se entende é que estes três pontos estão interligados, a emissão e tudo o que a define, o meio de comunicação em si mesmo e a recepção pelo público. Para a comunicação museológica podemos transpor, sem perda, para um vínculo entre museografia (aqui incluída a gestão e o planejamento), exposição e/ou ação de educação e a recepção pelo público do museu. Então, qualquer estudo em comunicação museológica deve estar baseado na ideia de comunicação como algo dinâmico em que o sistema que se forma se autorregula. Ainda, cada fator que consiste a comunicação intervém influenciando os demais. Dessa forma, podemos ver lugares metodológicos para a pesquisa, e são vários: o museu, a equipe, as condições de produção, a emissão como enunciação, a formação de discursos, a exposição e as condições de aprendizagem nas suas potencialidades, a recepção como visita ao museu e a recepção como processo anterior e posterior à visita ao museu.

A Comunicação Museológica traz ricas contribuições para a pesquisa em Museologia:

- pensar a Museologia pelo ângulo da Comunicação,
- pesquisar em Museologia pelo ângulo da Comunicação,

- pensar Museus pelo ângulo da Comunicação,
- pesquisar Museus pelo ângulo da Comunicação,
- inserir o público nos processos museológicos.

A Comunicação Museológica nos ajuda a refletir e conceber público e – igualmente, o público de museu, a realidade empírica – pode colaborar para a pesquisa em Museologia. Mas, a questão não se esgota com a comunicação, pois os estudos culturais ou de público ou, ainda, os estudos de recepção nos trazem outras e novas contribuições, deslocando o nosso olhar dos museus e das ações de comunicação para a cultura. Então, faço um questionamento. Por que ainda não estamos realizando estudos de recepção com público de museus? Por que ainda se faz confusão entre pesquisa de recepção e avaliação em museus? Por que ainda há entraves para a avaliação? Por que ainda mantemos concepções ora funcionalistas ou frankfurtianas, ora behaviorista quando a relação entre emissor e receptor são explicitadas?

### 1.3 PESQUISA DE RECEPÇÃO

Recorremos novamente ao Quadro Geral da Disciplina Museológica e aos itens Museologia Geral e Museologia Aplicada. Retornemos à Teoria Museológica e à Comunicação Museológica, inserindo uma outra subárea: Recepção de Público de Museu. Paralelamente, na Museologia Aplicada, temos avaliação, ora como ferramenta de gestão, ora como elemento dos processos de comunicação museal, para seu aperfeiçoamento.

Os estudos de comunicação são os precursores dos estudos de recepção<sup>5</sup>. Nas décadas de 1930 e 1940 acontece a “pesquisa de efeitos” para entender “o que os meios fazem aos indivíduos”. Nesse momento o receptor do processo de comunicação é considerado um ser puro e atomizado e o processo é totalmente dominado pelo emissor. Nos anos de 1940 a pesquisa voltava-se para os “usos e gratificações” para o entendimento “do que os indivíduos fazem com os meios”, ou seja, os estudos procuraram entender quais eram os usos e as gratificações que o público tinha por meio da audiência dos meios. Essa corrente perdurou na década de 1960 e assumiu que o público interpreta e faz as suas escolhas no processo de recepção.

A pesquisa de recepção como a entendemos hoje tem sua origem nos Estudos Culturais (conhecidos também no inglês *Cultural Studies*), surgidos na Grã-Bretanha como estudos heterogêneos nos anos de 1950 e 1960. Inicialmente, voltados ao impacto das mídias, posteriormente centralizam-se na recepção. Na década de 1970 é criado o Center for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham. Forma-se, então, uma

---

<sup>5</sup> Sobre este panorama, ver Lopes (2003).

corrente para analisar a recepção como prática complexa de construção social de sentido. A comunicação é situada num campo de forças sociais que envolve as práticas de significação. A audiência é uma estrutura complexa constituída por indivíduos, grupos, com identidades e códigos culturais distintos que decodificam de formas distintas. Os estudos dessa corrente problematizaram a recepção e o receptor é situado no contexto cultural de circulação das mensagens.

A pesquisa de recepção é um campo novo para o qual a comunicação contribui, dois campos que se relacionam sem se confundirem. Esta linha de pesquisa está centrada nas formas como o receptor interage com os meios. As práticas ligadas à comunicação são consideradas na dimensão perceptiva, cognitiva, afetivos, relacional e com base na intencionalidade do emissor e buscando a produção de significações e sentidos. Assim, estes estudos atuam no confronto entre a intenção do emissor e as respostas do receptor, entre os discursos do meio e o da audiência. A análise comparativa é desenvolvida à luz das comunidades interpretativas.

Na América latina surge a moderna tradição latino-americana dos estudos de recepção que emergiu na década de 1980 no contrafluxo das tendências funcionalistas, semióticas e frankfurtianas. Gramsci é um dos suportes para pensar a questão do popular, a corrente latino-americana deslocou definitivamente o foco de atenção dos meios às mediações (Jesus Martín-Barbero) e desenvolveu-se na perspectiva de hibridização cultural (Nestor García Canclini).

Seguindo um contexto acadêmico mais amplo e recortes bem delimitados, a pesquisa de recepção é o campo que traria novos e renovados olhares sobre a cultura para dentro do museu, entendendo que a instituição faz parte da dinâmica cultural e o distanciamento se dá pela práxis, ora mais voltada ao objeto museológico, ora voltada para a gestão do museu.

Sintetizando, a pesquisa de recepção possibilita compreender as mediações culturais no processo de comunicação e o receptor como seu representante, em outras palavras as mediações culturais ocorrem no cotidiano e cada pessoa é agente desse processo cultural. Trazendo essa ideia para a Museologia e para a museografia, precisamos fundamentar as nossas pesquisas comunicacionais nos campos da comunicação e da recepção, ora para pesquisar escolhendo o lugar metodológico, ora para gerar dados descritivos que, indo além da gestão, permitirão que a Museologia participe da construção de conhecimento interpretativo sobre as formas de uso que o público faz dos museus e que museus serão esses transformados pelo público.

#### 1.4 AVALIAÇÃO EM MUSEUS

Apesar das distinções entre Estudo de Recepção e Avaliação em Museus, ambas se entrecruzam e devem estar correlacionadas<sup>6</sup>.

Avaliação em museus volta-se à gestão e planejamento institucionais. Uma perspectiva refere-se aos “estudos de visitantes” (*visitor studies*<sup>7</sup>) ou “pesquisa de visitante de museu” (*museum visitor research*), para identificação dos usos que os distintos públicos (também identificado por esses estudos) fazem do museus. Para Bitgood e Shettel esses estudos compreendem:

- 1- pesquisa e desenvolvimento de público
- 2- desenho e desenvolvimento de exposições
- 3- desenho e desenvolvimento de programas
- 4- desenho de instalações em geral
- 5- serviços para o visitante (BITGOOD; SHETTEL, 1997, p. 6).

Outro autor, Munley, vê a avaliação de forma semelhante à Bitgood e Shettel, saindo da particularidade (o desenho e ações), ampliando para a instituição (o planejamento, os programas e os usos do museu):

- 1- justificativa do valor da instituição e/ou de seus programas específicos
- 2- conjunto de informações para ajudar o planejamento a longo prazo
- 3- auxílio na formulação de novos programas
- 4- avaliação da eficácia de programas
- 5- ampliação geral da compreensão de como as pessoas usam os museus através de processos de pesquisa e construção teórica (MUNLEY, 1986, p. 19).

Apesar das distinções das duas proposições – Bitgood e Shettel enfatizam o público e Munley a gestão institucional – os autores conjuntamente abordam o que consideram relevantes para a avaliação de museus: o público, o mérito dos diversos programas e ações, o mérito da instituição, a adequação espacial e o planejamento, o que nos torna claro o quão importante é a avaliação para a rotina do museu e para a execução do plano museológico.

A literatura sobre avaliação de exposições e outras ações de comunicação museal tem sua particularização. Os aspectos apresentados por diversos autores foram reunidos (CURY, 2006) e estão apresentados no quadro abaixo<sup>8</sup>:

---

<sup>6</sup> Sobre as relações entre Estudo/Pesquisa de Recepção e Avaliação em museu, ver também: CURY (2009a).

<sup>7</sup> Os termos em inglês são comumente utilizados na produção em língua portuguesa.

<sup>8</sup> Avaliação Preliminar ou Conceitual se realiza na fase de planejamento e de concepção; a Avaliação Formativa é desenvolvida na pré-produção, para orientar as decisões da produção; a Avaliação Somativa é feita após a

- 1- Avaliação Preliminar ou Conceitual
- 2- Avaliação Formativa
- 4- Avaliação Somativa
- 5- Avaliação Técnica ou Apreciação Crítica

Em síntese, a avaliação em museus volta-se para a gestão (planejamento, elaboração e execução de programas, ajustes de planos etc.), pois orienta-se para a governança (planejar, formular, programar, executar, avaliar e adequar/mudar). O que devemos considerar são as contribuições da avaliação museal no que se refere à grafia, aqui entendida ora como “escrita” ou “decifração” no uso de uma linguagem, ou melhor, a avaliação refere-se à museografia como uma linguagem que precisa ser “escrita” e “decifrada”. Nesse sentido, os Estudos de Recepção demanda por uma linguagem, a dos museus, e das suas formas de manifestação na práxis<sup>9</sup>.

No Brasil a avaliação é ainda pouco praticada e, conseqüentemente, pouca contribuição temos dessa ferramenta para alimentar a práxis dos museus e os Estudos de Recepção. Por exemplo, algo que a avaliação ainda não fez é reunir dados descritivos sobre o público no espaço do museu, na sua relação com o ambiente e com a museografia em questão, uma das suas contribuições à Museologia. Por outro lado, poucas pesquisas acadêmicas vêm sendo realizadas com os pressupostos dos Estudos de Recepção, por isso também a dificuldade atual de estabelecermos mais claramente as diferenciações entre Avaliação em Museus e Pesquisa de Recepção. É nessa linha de entendimento de visões que a presente pesquisa vem a contribuir, dando alguns passos.

### 1.5 PÚBLICO DE MUSEU

De acordo com os *Key Concepts of Museology*, público “[...] refers to the museum users (the museum public), but also, by extension from its actual user public, to the whole of the population addressed by the stablishment” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 71). Seguindo a apresentação do verbete, os autores destacam a centralidade do conceito nas mais diversas definições de museus. A partir daí, temos alguns outros termos correlacionados ou ideias associadas a público: usuário de museu, povo, população, grande público, público específico, público numeroso, não público, público distante ou impedido, público com deficiência, visitante, observadores, espectadores, consumidores, audiência, frequentador. As

---

conclusão da produção; a Avaliação Técnica ou Apreciação Crítica é feita pela equipe, visando ao aprimoramento do desenho do projeto. Ver também GOTTESDIENER (1997).

<sup>9</sup> Sobre a relação entre avaliação em museus e recepção, ver Cury (2009).

denominações são diversas, certamente, e caberia às pesquisas em museologia uma discussão dos conceitos inerentes aos termos.

Iniciamos uma categorização de termos. Assim, aproximamos os termos usuário e consumidor, entendendo um direito de cidadania, considerando, inclusive, o caráter simbólico do uso e do consumo. Se levarmos em conta a assistência (assistir a alguma coisa), podemos usar espectador e expectador. Nessa linha, Teixeira Coelho discrimina o espectador-modelo (o colaborador do artista, o cúmplice da obra) do espectador empírico (aquele que se opõe à obra, pois a entende de acordo com seus próprios interesses) (COELHO, 1999). Se relacionarmos público à assiduidade, encontramos os termos visitante e não visitante ou público e não público (quem vai e quem não vai ao museu). Visitante é um termo recorrente na literatura ou no cotidiano dos museus que, para Fernando Moreira, trata-se de um conceito esgotado, visto que espera-se do indivíduo um outro vínculo com a instituição (MOREIRA, 2007). Audiência, pela experiência do campo da comunicação, refere-se a um público frequentador e, ao mesmo tempo, ao público em potencial. Público-alvo é uma concepção mercadológica trazida da administração para especificar o cliente. Público tem em si a ideia de conjunto e públicos esclarece sobre a diversidade e pluralidade que hoje reconhecemos existir, seja na pesquisa ou no museu.

Quanto à participação, o público da comunicação (nos museus também) foi, por muito tempo, considerado passivo, ser propício à relação estímulo-resposta, visto que os meios (a exposição e a ação de educação) têm efeito e impacto sobre as pessoas, mantendo sobre elas um controle e colocando-as como seres reativos. A participação do público da comunicação e, em decorrência, dos museus é ampliada quando este é reconhecido como alguém que interpreta e, nesse sentido, interfere no processo de comunicação (CURY, 2009b). No entanto, a reação ainda domina o processo, uma vez que o referencial ainda está nos objetivos do emissor, ponto para se avaliar positiva ou negativamente a participação do público. Mais recentemente a comunicação reconhece o papel ativo do público, situando-o como sujeito do processo comunicacional, assim como o emissor é. Os sujeitos são críticos, fazem escolhas, são representantes da cultura da qual fazem parte, elaboram os discursos, dão sentidos às mensagens etc.

Em síntese, temos muito que fazer nos museus no que se refere ao trato e consideração ao público. Por outro lado, temos que avançar nos estudos museológicos inserindo o público na pauta de investigação.

## 2 A PESQUISA ACADÊMICA DE RECEPÇÃO DE PÚBLICO EM MUSEUS NO BRASIL

O projeto A Pesquisa Acadêmica de Recepção de Público em Museus no Brasil se propõe, a longo prazo, descrever e analisar a evolução desse tema por pesquisadores brasileiros. A atual fase do estudo ora apresentada é exploratória. Partiu de levantamento anterior (vide CURY, 2005) complementado e ampliado, chegando até fim de 2014.

O levantamento realizado na 1ª fase do projeto de pesquisa (2012-2014) obteve dados anteriores a 2014, localizando pesquisas realizadas em contextos de pós-graduação e Livre docência. Então, atualizou o levantamento concluído em 2004<sup>10</sup> e acrescentou dados entre 2004 e 2014.

Para se chegar ao levantamento obtido, buscou-se, especialmente pela internet, os pesquisadores envolvidos com a questão. O primeiro problema encontrado referiu-se ao assunto a ser buscado na internet, uma vez que o estudo (ou pesquisa) de recepção aplicados aos museus ou pelo viés museológico ainda é um tema novo e/ou de difícil elaboração, considerando a complexidade da construção epistemológica e paradigmática que exigem, um desafio novo que a Museologia deve enfrentar, embora não esteja sozinha nessa construção. Dessa forma, as buscas na internet não resultaram grandes contribuições, pelo quantitativo alcançado. A melhor ilustração que temos é a busca na Plataforma Lattes (CNPq<sup>11</sup>). Nela encontramos uma profusão de pesquisadores envolvidos nos assuntos centrais, com um destaque à Avaliação em museus e os Públicos de museu. Isso não surpreende, são temas mais recorrente assimilados nos museus e, em decorrência, pelas pesquisas. De outra parte, a busca na Lattes não foi produtiva, também porque não é possível chegar às pesquisas pretendidas: mestrado, doutorado e livre docência, a não ser que cada currículo fosse aberto.

Tabela 1 – Resultados da busca na Plataforma Lattes CNPq. Os dados apresentam um quantitativo distorcido para as necessidades da pesquisa, pois o site consultado não permite identificar os níveis almejados (mestrado, doutorado e livre docência), assim como revela a imprecisão no uso da terminologia pelos pesquisadores cadastrados.

Assunto	Doutor	Demais pesquisadores	Total por assunto
Recepção em museu	653	266	919
Recepção museológica	37	9	46
Estudo de recepção em museu	214	30	244
Pesquisa de recepção em museu	241	51	292
Avaliação em museu	1.552	656	2.208
Público de museu	2.679	1.776	4.455

Fonte: Dados obtidos em <http://lattes.cnpq.br/> e reunidos pela autora, 2015.

<sup>10</sup> Sobre os resultados anteriores, ver Cury (2004).

<sup>11</sup> CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Outra tentativa em vão foi a busca pelo site da USP que disponibiliza todas as dissertações (mestrado) e teses (doutorado e livre docência). Pelo cruzamento de títulos, resumo e palavras-chave chegamos a uma grande quantidade de pesquisas, sem que chegássemos ao recorte pretendido.

No Tesaurus brasileiro de Ciência da Informação (PINHEIRO; FERREZ, 2014), averiguando sobre termos, encontramos: Avaliação relacionada à gestão, Comunicação como área do conhecimento, Estudos de usuários e Estudos empíricos, Não-usuário e Usuário. Mas não há: Público, Recepção e Receptor. Tampouco encontramos os termos pretendidos no *Dictionnaire encyclopédique de muséologie* (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011).

Como a profusão de dados, a opção adotada foi circular, ainda pela internet, pelas pesquisas concluídas nos mais diversos programas de pós-graduação, em especial em Museologia, mas não somente, uma vez que as contribuições vem de áreas que veem no museu um lócus privilegiado de pesquisa. Seguimos o levantamento preliminar e as referências da Antropologia, Ciência da Informação, Ciência da Comunicação, Educação, História e Psicologia (CURY, 2004), além de, obviamente, considerar os programas de pós-graduação em Museologia criados posteriormente. Com isso, e buscando novos itens nas Referências de pesquisas acessadas e a generosidade de colegas e alunos que nos trouxeram suas contribuições, chegamos a 44 pesquisas. Chegar a esse número não foi fácil, não somente pelas dificuldades já ilustradas, mas pela novidade que os Estudos de Recepção em Museus significa. O que afirmamos é que na maioria das vezes o pesquisador não sabe se realizou um estudo de recepção e nem tinha a intenção de que sua pesquisa estivesse voltada à Recepção. Isso não é uma recusa, mas reflexo do momento em que a pesquisa em Museologia se encontra: abertura para outras perspectivas teórica e metodológica, como podemos demonstrar com as trocas que vem ocorrendo com a Ciência da Informação (com contribuições para a documentação museológica e discussões terminológicas), Ciência da Comunicação (para a Comunicação em museus e Educação), Educação (para as reflexões sobre Pedagogia e Didática, por exemplo), para citar alguns exemplos.

O levantamento realizado está separado em dois conjuntos para destacar um quantitativo significativo referente à produção do Grupo de Estudo de Educação não Formal (GEENF), da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

## 2.1 PESQUISA ACADÊMICA NO BRASIL 2004-2014: MESTRADO, DOUTORADO E LIVRE DOCÊNCIA

Neste conjunto temos relacionados 28 pesquisas com áreas e origens bastantes diversificadas. Desse total 12 pesquisas foram desenvolvidas no estado de São Paulo, 11 no Rio de Janeiro, 2 (duas) no Rio Grande do Sul, uma (1) em Santa Catarina, outra (1) no Paraná e uma (1) na Inglaterra por um brasileiro.

As pesquisas deste primeiro conjunto, relevantes para divulgação, são as seguir:

- 1- AMARANTE, Cristiane Eugênia da Silva. **Refletindo sobre musealização**: um encontro entre público e arqueologia marítima em Santos, SP. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, 2014.
- 2- ARANHA, Carmen C. S. G. **Exercício do olhar**: uma fenomenologia do conhecimento visual. Tese (Livre Docência) - Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2000.
- 3- AVELAR, Thaís Fernanda Alves. **Espaços Museológicos**: A questão do acesso pela ótica das identidades culturais. Dissertação (Mestrado em Museologia) – USP, São Paulo, 2014.
- 4- BARÊA, Janaína Cristina. **A exposição de aparelhos de Psicologia dos anos 1950 e sua contribuição para o ensino de História da Psicologia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC, São Paulo, 2009.
- 5- BIELLA, Andrea Alexandra do Amaral Silva e. **Famílias no museu de arte**: Lazer e conhecimento. Um estudo sobre o programa educativo Interar-te do MAC USP. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2012.
- 6- BOM, Gabriela. **Mediação profissional em instituições museais de Porto Alegre**: interações discursivas. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, 2012.
- 7- BRAGA, Gabrielle Corrêa. **Museus da cidade do Rio de Janeiro**: uma análise sobre públicos e serviços. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UERJ, 2002.
- 8- CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. **As transformações da relação museu e público**: uma influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, UFRJ, 2005.
- 9- CAZELLI, Sibebe. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas**: quais as relações? Tese (Doutorado em Educação) – PUC, Rio de Janeiro, 2005.
- 10- CORRÊA, Maíra Freire Naves. **Encantamento e estranhamento**. Como moradores e não moradores de Belo Horizonte experimentam o Museu de Artes e Ofícios. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UniRio / Mast, Rio de Janeiro, 2010.

- 11- CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica** - Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2005.
- 12- FERREIRA, Ana Fátima Berquó Carneiro. **Dedos de ver**: Informação especial no museu e inclusão social da pessoa com deficiência visual. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UniRio / MAST, Rio de Janeiro, 2011.
- 13- FLORES, Célia L. B. **O que as crianças falam sobre o museu...** Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSC, Florianópolis, 2007.
- 14- FRENKEL, Eliane Ezagui. **Famílias no Museu Nacional**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UniRio / Mast, Rio de Janeiro, 2010.
- 15- GAZONI, Patrícia Maciel. **O contemporâneo no museu: os Kaingang e o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre de Tupã** (SP). Dissertação (Mestrado em Museologia) – USP, São Paulo, 2014.
- 16- GOMES, Isabel Lourenço. **Formação de mediadores em museus de ciência**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UniRio / MAST, Rio de Janeiro, 2013.
- 17- GUIMARÃES, Viviane Wermelinger. **Exposição museológica do Museu de Arqueologia e Etnologia - UFSC: espaço para construção de parcerias**. Dissertação (Mestrado em Museologia) – USP, São Paulo, 2014.
- 18- GURGEL, Thais. **Exposição e texto na arte contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2013.
- 19- LARA Filho, Durval de. **Modos do museu: entre a arte e seus públicos**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, USP, 2013.
- 20- LOPES, Thamiris Bastos. **O público infantil no Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UniRio / MAST, Rio de Janeiro, 2014.
- 21- MUNIAGURRIA, Lorena Svellar. **“Ganhar o olhar”**: Estudo antropológico de ações de mediação em exposições de artes visuais. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- 22- MURRIELLO, Sandra Elena. **As exposições e seus públicos: a paleontologia no Museo de La Plata** (Província de Buenos Aires, Argentina). Tese (Doutorado em Educação Aplicada à Geologia) - Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas, 2006.
- 23- REIS, Bianca Santos Silva. **Expectativas dos professores que visitaram o Museu da Vida/FIOCRUZ**. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFF, Rio de Janeiro, 2004.

24- SILVA, Douglas Falcão. The study of visitors understanding in Science Museums by means of Stimulated Recall Method. Tese (Doutorado em Education and Community Studies) - University of Reading, Inglaterra, 2006.

25- SIQUEIRA, Juliana Maria. **Quem cuidará dos educadores?** A Educomunicação e a formação de docentes em serviço. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, USP, 2009.

26- VALLE, Carlos Beltrão do. **A patrimonialização e a musealização de lugares de memória da ditadura de 1964** – O Memorial da Resistência de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – UniRio, Rio de Janeiro, 2012.

27- VAZ, Adriana. **O Museu Oscar Niemeyer e seu público.** Articulações entre o culto, o massivo e o popular. Tese (doutorado em Sociologia) – UFPR, Curitiba, 2011.

28- VIEIRA, Ana Carolina Maciel. **Memória e paisagem:** olhar(es) sobre o patrimônio cultural turístico – Parque Nacional da Tijuca (RJ). Dissertação (Mestrado em Memória Social) – UniRio / Mast, Rio de Janeiro, 2013.

Tabela 2 – Amostragem do 1º conjunto levantado.

Universidade	Área	Qti//	Estado	Ano	Nível
USP 10 pesquisas	Artes Plásticas	1	SP	2000	Livre Docência
	Ciência da Comunicação	1		2005	Doutorado
	Ciência Informação	2		2009	Mestrado
				2013	Doutorado
	Educação	2		2012	Mestrado
				2013	
	Arqueologia	1		2014	Mestrado
Museologia	3	2014	Mestrado		
PUC	Psicologia	1	SP	2009	Mestrado
Unicamp	Educação em geociência	1	SP	2006	Doutorado
UniRio/Mast 5 pesquisas	Museologia e Patrimônio	2	RJ	2010	Mestrado
		1		2011	
		1		2013	
		1		2014	
UniRio 2 pesquisas	Memoria Social	1	RJ	2012	Mestrado
		1		2013	
UERJ	Ciências Sociais	1	RJ	2002	Doutorado
UFRJ	Ciência Informação	1	RJ	2005	Doutorado
UFF	Educação	1	RJ	2004	Mestrado
PUC	Educação	1	RJ	2005	Doutorado
UFRGS 2 pesquisas	Antropologia	1	RS	2009	Mestrado
	Educação	1		2012	
UFSC	Educação	1	SC	2007	Mestrado
UFPR	Ciências Sociais	1	PR	2011	Doutorado
University of Reading	Educação	1	Inglaterra	2006	Doutorado

Fonte: Organização dos dados pela autora, 2015.

## 2.2 GEENF – FACULDADE DE EDUCAÇÃO, USP

Dezesseis (16) pesquisas estão disponibilizadas no site do GEENF – Grupo de Pesquisa, de forma atualizada e detalhada. Cabe mencionar que o GEENF foi criado e é coordenado pela Profa. Dra. Martha Marandino há anos, motivo pela qual podemos desfrutar do conjunto, como segue:

- 1- BIZERRA, Alessandra F. **Atividade de aprendizagem em museus de ciência.** Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2009.
- 2- CAFFAGNI, Carla Wanessa do Amaral. **O estudo das analogias utilizadas como recurso didático por monitores em um centro de ciência e tecnologia de São Paulo – SP.** Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2010.
- 3- CAMPOS, Natalia Ferreira. **Percepção e aprendizagem no Museu de Zoologia:** uma análise das conversas dos visitantes. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2013.
- 4- CERATI, Tania. **Educação em jardins botânicos na perspectiva da Alfabetização Científica:** análise de uma exposição e público. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2014.
- 5- CHELINI, Maria Júlia Estefânia. **Moluscos nos espaços expositivos.** Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2006.
- 6- FIGUEROA, Ana Maria Senac. **Os objetos nos museus de ciências:** o papel dos modelos pedagógicos na aprendizagem. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2012.
- 7- GARCIA, Viviane Aparecida Rachid. **O processo de aprendizagem no Zôo de Sorocaba:** análise da atividade educativa visita orientada a partir dos objetos biológicos. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2006.
- 8- GRUZMAN, Carla. **Educação, ciência e saúde no museu:** uma análise enunciativo-discursiva da exposição do Museu de Microbiologia do Instituto Butantan. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2012.
- 9- IANINNI, Ana Maria Navas. **Concepções de popularização da ciência e da tecnologia no discurso político:** impactos nos museus de ciências. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, 2008.
- 10- ISZLAJI, Cynthia. **As crianças nos museus de ciências:** análise da exposição Mundo da Criança do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2012.

- 11- MARANDINO, Martha. Por uma didática museal: propondo bases sociológicas e epistemológicas para análise da educação em museus. Tese (Livre docência em Educação) – USP, 2012.
- 12- MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus:** o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2011.
- 13- MARTINS, Luciana Conrado. **A relação museu/escola:** teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2006.
- 14- MÔNACO, Luciana. **O setor educativo de um museu de ciências:** um diálogo com as comunidades de prática. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2013.
- 15- OLIVEIRA, Adriano Dias de. **Biodiversidade e educação em museus de ciências:** um estudo sobre transposição museográfica nos dioramas. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2010.
- 16- SAPIRAS, Agnes. **Aprendizagem em museus:** uma análise das visitas escolares no Museu Biológico do Instituto Butantan. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2007.

Tabela 3 – Amostragem das pesquisas do GEENF.

GEENF, Faculdade de Educação, USP  16 pesquisas	Educação	1	SP	2006	Doutorado
		2		2006	Mestrado
		1		2007	Mestrado
		1		2008	Mestrado
		1		2009	Doutorado
		2		2010	Mestrado
		1		2011	Doutorado
		1		2012	Livre Docência
		2		2012	Doutorado
		1		2012	Mestrado
		1		2013	Doutorado
		1		2013	Mestrado
		1		2014	Doutorado

Fonte: Organização dos dados pela autora, 2015.

### 3 BALANÇO DOS DADOS COLETADOS

Temos que tecer algumas considerações a respeito do conjunto de dissertações e teses de doutoramento e livre docência levantados, num total de 44 pesquisas.

1- O quadro de pesquisadores/docentes em Museologia no Brasil está em expansão, sobretudo após a implantação da Política Nacional de Museus e a criação de inúmeros novos cursos de

graduação em Museologia no país, o que levará esses docentes contratados à titulação para ocuparem seus cargos e seguirem carreira acadêmica num futuro breve.

2- A carreira docente em museus universitários e a carreira universitária foi o estímulo para que 2 pesquisas de recepção se realizassem.

3- A criação de cinco programas de pós-graduação em Museologia no Brasil. O Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPGMUS-UNIRIO/MAST) foi o primeiro programa a ser criado no Brasil, 2006, e o único, até a presente data, a oferecer cursos de mestrado (início em 2006) e doutorado (início em 2011). Apresenta inúmeras pesquisas de mestrado (93) e doutorado (2) concluídas, sendo que 5 dissertações de mestrado enquadram-se no tema que estamos tratando.

O Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMus-USP) teve sua primeira turma iniciada em 2012 e concluída em 2014. Tem 14 mestres formados e 3 pesquisas concluídas no eixo que se propõe a pesquisa ora apresentada.

O Programa de Pós Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMuseu/UFBA) teve sua primeira turma iniciada no segundo semestre de 2013 e ainda não tem pesquisas de mestrado concluídas, para nossa consideração.

O Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia (PPACT-MAST), criado em 2014 como mestrado profissional voltado à salvaguarda, tem seu recorte de interesse na conservação preventiva, o que direciona as pesquisas para outra temática. Embora um estudo de recepção fosse possível, achamos pouco provável que um mestrando volte-se para isso, a não ser que esteja na sua metodologia dados oriundos do visitante de museu.

O Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM-UFPI) foi iniciado em 2015 e devemos aguardar pelas primeiras defesas desse mestrado profissional.

Em síntese, os programas de pós-graduação em Museologia contribuíram com 8 pesquisas na ótica tratada por nós.

- O reconhecimento dos museus por outras áreas/campos de conhecimento nos permite contemplar pesquisas de mestrado e doutorado em programas de/em: Antropologia (1 pesquisa), Arqueologia (1), Ciência da Informação (2), Ciências Sociais (2), Ciência da Comunicação (3), Educação (24), Memória Social (2), Psicologia (1).

A área de Educação se sobressai com 16 pesquisas do GEENF, Faculdade de Educação (FE) da USP, sob coordenação da Profa. Dra. Martha Marandino. Criado em 2002,

inicialmente na “área temática de Ensino de Ciências e Matemática” e atualmente se “dedica ao estudo, à pesquisa, à produção e avaliação de ações e materiais no campo da educação não formal e da divulgação em ciência” (GEENF). De acordo com o site do Grupo:

As atividades de investigação, de ensino e de divulgação do grupo estão organizadas nos seguintes temas de interesse:

- Ensino e aprendizagem em museus e demais espaços de educação não formal
- Relação museu-escola
- Mediação em museus e demais espaços de educação não formal
- Alfabetização científica em museus e demais espaços de educação não formal
- Popularização e divulgação da ciência em museus e demais espaços de educação não formal
- Biodiversidade e educação em museus e demais espaços de educação não formal (GEENF).

A área de Educação participa ainda com oito (8) pesquisas. Sendo assim, há um equilíbrio numérico entre Educação e Museologia, o que é absolutamente compreensível, uma vez que ambas as áreas se preocupam em entender os seus públicos, finalidade para a qual os estudos de recepção, certamente, vem a contribuir.

Esperamos com estes dados de pesquisa ter um panorama que nos permita a aprofundamentos futuros.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O público ainda busca o seu espaço nos museus e a disciplina Museologia tem papel decisivo na ampliação do conceito, intervindo na práxis de forma decisiva. Os estudos comunicacionais são essenciais, sobretudo se fundamentados teoricamente. Assim, inserção desses tópicos de pesquisa na Museologia Geral traz perspectivas profícuas. No entanto, a recepção é outro tópico a ser inserido, pois traz elementos basilares à Museologia, tais como a conceituação de público e a sua presença nos processos museológicos e museais. A Museologia Aplicada deve ser reavaliada, ajustando a comunicação ao espaço do museu, diferenciando-a da Comunicação Museológica. A avaliação das ações de comunicação museal, favorecendo a gestão, colabora com a dinâmica dos processos. Mas, sobretudo, é a possibilidade de dados que descrevam as formas como o público interage com o museu e seus recursos.

A problemática da Recepção relativa às dificuldades encontradas nesta pesquisa é mais profunda, pois, como mencionado, os/as Estudos/Pesquisas de Recepção ainda estão em formação epistemológica, dificuldade que, obviamente, atinge a Museologia. Em consonância a isso acrescentamos que o campo museológico ainda não absorveu as contribuições que a Recepção possa proporcionar, desafio este que devemos enfrentar.

Na correlação entre Estudo de Recepção e Avaliação em Museus que temos no centrado, para melhor entendimento sobre metodologias para os Estudos de Recepção e o

papel da Museografia para essa finalidade. Para tanto, devemos considerar as áreas que têm nos museus seu lócus de pesquisa e as inúmeras abordagens possíveis para a construção da problemática na qual o Estudo de Recepção se desdobraria.

Então, o que a pesquisa propõe é um debate, aprofundando e ampliando metodologias e recortes temáticos. Todas as indagações levantadas permanecem abertas e há muitas outras a serem enfrentadas nos contextos acadêmicos. A continuidade desta pesquisa, o que se pretende, aponta para os seguintes pontos:

- Estudo de Recepção e Avaliação de Museu como museografia,
- Vertentes de pesquisa,
- Concepções de público,
- Metodologias aplicadas em Estudos de Recepção,
- Terminologia adotada.

Com esses pontos pretendemos dar continuidade a pesquisa concluída com dados preliminares.

## REFERÊNCIAS

BITGOOD, Stephen; SHETTEL, Harris. An overview of visitor studies. **Journal of Museum Education**, Washington: Roundtable, v. 21, n. 3, p. 6-10, 1997.

CNPq – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br>. Acesso em: jan. e dez. 2014.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. Cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1999.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica**. Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005. 366 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Exposição** – Concepção, montagem e Avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_. Museologia. Novas tendências. In: GRANATO, Marcus (Org.), **Museu e Museologia**. Interfaces e perspectivas. Rio de Janeiro: MCT: MAST, 2009a.

\_\_\_\_\_. O sujeito do museu. **Musas**, n. 4, p. 86-97, 2009b.

\_\_\_\_\_. Os usos que o público faz dos museus. A (re)significação da cultural material e do museu. **Musas**, n. 1, p. 87-106, 2004.

DESVALLEES, Andre. Cent quarente termes muséologiques ou petit glossaire de l'exposition. In: BARY, Marie-Odile; TOBELEM, Jean-Michel (Dir.). **Manuel de muséographie**: petit guide à l'usage des responsables de musée. Haute-Loire: Séguier, 1998. p. 205- 251.

\_\_\_\_\_; MAIRESSE, François (Dir.). **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

GEENF – Grupo de Estudo de Educação não Formal. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br>>. Acesso em: dezembro de 2014.

GOTTESDIENER, Hana. **Évaluer l'exposition**: définitions, méthodes et bibliographie sélective commentée d'études d'évaluation. Paris: La Documentation Française, 1997.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **Revista Brasileira de Comunicação**, v. 16, n. 2, p. 78-86, jul./dez. 1993.

MOREIRA, Fernando João de Matos. Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais. **Musas**, n. 3, p. 101-108, 2007.

MUNLEY, Mary Ellen. Asking the right questions: evaluation and the museum mission. **Museum News**, Washington: American Association of Museums, v. 64, n. 3, Feb. 1986.

MUWOP/DoTraM. Estocolmo: ICOFOM/ICOM, 1980. n. 1.

MUWOP/DoTraM. Estocolmo: ICOFOM/ICOM, 1981. n. 2.

PINHEIRO, Lena Vânia Ferreira; FERREZ, Helena Dodd. **Tesouro brasileiro da Ciência de Informação**. Rio de Janeiro; Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), 2014.

TESES USP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>>. Acesso em: janeiro e dezembro de 2014.